

Allan da Rosa

Escritor, dramaturgo, historiador e angoleiro. Além da vagabundagem que cultivava com carinho, foi feirante, operário plástico, vendedor de churros, de incensos e de jazigos de cemitério, entre outras dádivas e toneladas. Doutorando na Faculdade de Educação da USP, estuda “Ancestralidade, Imaginário e Cotidiano Negro em SP”. Nativo de Americanópolis, Jabaquara, integra o Movimento Cultural das Periferias de SP. Criador e editor do selo “Edições Toró” que lançou, de forma pioneira, por anos, obras de autoria periférica da cidade. Publicou *Reza de Mãe e outros contos* (2016); histórias infanto-juvenis em *Zagaia* (2008); *Pedagoginga, Autonomia e Mocambagem*: ensaio sobre cultura negra e Educação Popular (2013), entre outros. Ganhou o Prêmio Nacional de Dramaturgia Negra Ruth de Souza 2007 com a peça *Da Cabula* (2007). Em 2017, publica a novela *Zumbi Assombra Quem?*, obra pra se ler em voz alta com a mulecada e as coroas.

costas lanhadas

(Revides e Segredos antes do 13 de Maio)

O interior paulista era um paiol de pólvora nos anos antes do 13 de maio. O medo saía no mijo dos barões, donos de vastos alqueires, e dos advogados encastelados nos escritórios de luxo, mas também aterrorizava os sapatudos que tinham uma merreca de três ou quatro escravizados pras negociatas miúdas cotidianas, porçãozinha de três ou quatro mandados mal nascidos chupados na jugular, gente, carne com sonho e memória e raiva. Meras peças para alguns, a negrada sentiu a hora do arranque, da retomada de si, sem dó. Décadas antes do 13 de maio que

cuspiu uma liberdade requenguela, cagona e manca, vogueu um tornado em SP, uma tormenta de legítima defesa e de vingança nem sempre comida fria, que fazia fornalhas das hortas e espetava zagaiais em quem tava acostumado a levantar o chicote, a pena ou a xicrinha de porcelana.

Eram só um pedaço do mapa de sangue pisado e de dignidade remendada, as campanhas abolicionistas e as rinhadas de tribunal onde reinava o amado e odiado Luiz Gama, proibido de entrar em muitas cidades e com a morte comprada uma penca de vezes mas que permanecia pilar na missão. As disputas em colunas de jornais liberais, monarquistas ou republicanos, os processos nos fóruns da hipocrisia que referendava com seu amém o direito à propriedade vampira... isso tudo era só um bocado da guerra que apavorou os abonados de São Paulo pelas estradas de vacaria, pelos chafarizes da capital e principalmente pelos campos de plantio, de tronco e de revide negro.

A paúra arrepiava duques do café, azedava o jantar, trincava os lustres e ilustres. Milhares de pretos já tinham devolvido com fogo um pouco da fuleiragem, já tinham debandado pra outras paisagens paulistas com ou sem os tais papéis que lhes garantiam ser gente, gente encurvada por uma liberdade ganha ou comprada - e dessas tais cartas de alforria, que podiam valer só depois de muitas primaveras ou apenas na cidade onde foi carimbada, sempre havia o risco da má-fé que engrupia o dinheiro juntado gota a gota. Carta nula.

Nossos avós seguiam varando rumo com os pés sempre descalços, mas agora levando nos ombros os sapatos que só gente livre podia ter, já que o pé não aceitava mais correias e apertados depois de uma vida pisando a sola direto no chão. Nos ranchos de meio de caminho, nas hortas novas, nas curvetas e nos becos urbanos onde se vendiam doces, se barbeava ou se carregava baldes e bacanas marcando o ritmo no lombo, rodavam as histórias dos acertos de contas com os fazendeiros. Histórias sem dó.

Era nesse clima que, numa tarde em Capivari ou em Campinas, dois homens subidos de Santos já marcados com a queima na pele alertando sua rebeldia, depois da carga levantada desde a manhã, sentaram na sombra de uma mangueira. Mal a bunda assentou, súbita paranoia apontou o dedo lá da janela do casarão e o senhor gritou a acusação de levante. A madame que desfilava nos seus vestidos de cambraia e casimira, com suas joias cintilantes veio até à janela ver a penitência nas costas dos seus escravos, a paga da insolência de tramar a morte de seus amos e a queima da fazenda.

Negar não adiantou. Logo eles que ainda não tinham aceitado participar do que se armava pra dali uma semana com a malta de todas as fazendas vizinhas.

Tomado de ira, o sinhôzinho veio empunhando o chicote. Mandou amarrar um, mas começou por sovar quem estava ainda sentado num tamborete. E descendo as chibatadas despejava uma ladainha sobre a ingratidão e o peso de administrar o mundo. Mas a cada lambada desferida nas costas do negro mais velho, ele ouvia um canto sussurrado em vez de gritos de dor. E despejava o rabo de tatu com mais força, xingando, tremendo, mas a lábia do mais velho continuava soltando um chiado ameno e ritmado.

Ninguém diz se era curvado ou não que o angola recebia o arreio, mas a cada levada nas costas ele murmurava e se ouvia um grito, agudo, que vinha de dentro do casarão...

Depois das tantas trinta vergastadas que o barão achou já ser lição, justiça pra ensinar sua propriedade a não desejar morte nem derrocada de quem lhe salvou de ser órfão, de ser mais um morrido de fome ou um demônio sem rumo; depois que acabaram as lanhadas que o barão, empapado de suor, derrubou na espinha do seu escravo, ele respirou, esfriou e viu que as costas do negro que cantava sussurrado estavam intactas, o pano arregaçado da camisa de napão não tinha um pinga de sangue. Por tanta raiva, o barão se preparou pra açoitar mais uma vez, com toda a força e medo que tinha e não tinha, mas atinou prum berro que vinha distante. Correu pra dentro da casa grande e ali ouviu

uma longa agonia de último respiro. Viu, debaixo do vestido intacto de cambraia e casimira branca que desabotoava trêmulo, as costas lanhadas e arregaçadas da senhora dona que tombou gemendo no chão empoçado de vermelho.

[PUBLICADO EM *REZA DE MÃE E OUTROS CONTOS*. SÃO PAULO: EDITORA NÓS, 2016, P. 31-33]

a nascente da língua

Nascido estrangeiro. Não sabia falar a língua da gente do lugar. Passou primaveras e aprendeu rudimentos, assim garantia alimento e passagem. Até bailar em toda conversa. Mergulhar e ser nascente. Mestre. Tradutor procurado nas vielas e salões.

Num crepúsculo, o moço atentou a um antigo que chegava, falava com todos e não era nada compreendido. Um ancião sempre comendo frutas mas com cheiro de sopa.

Aquele senhor era senhora e era senhor e era muito mais, era pomba bicando sujeirinhas e era vento colorido, seu espirro de arco-íris vazando pelo nariz miúdo. Era borbulha de água fervendo e era calma de garoa. Aquele senhor era senhora e era sobremesa e era feijão. E aquela senhora dizia língua que o moço ainda não traduzia. Moço que tentou silêncio pleno e tentou leitura labial, que tentou falar, falar, falar junto e papagaiar ao mesmo tempo que ela, num bate boca amoroso de agulhas tomando o oco daquela conversa de balbúrdia. Que tentou também sumir pra sentir a saudade e com ela perceber algo que fosse óbvio, um elemento principal que de tão próximo talvez não conseguisse enxergar, detalhe de essência. E que tentou aprender aquela língua olhando os pés de quem falava, observando o respirado do peito, o piscar dos cílios, admirando a garganta e seu flauteio. Mas o moço ali não compreendia história nem recado, nem capítulo nem cochicho.

Depois de tanto, a iluminação: como não percebeu isso antes? A realza daquela língua e também sua mendicância estavam no timbre e no tom. Ali a comunicação morava perfeita, o ruído e a textura eram a veia da expressão. A língua universal, a que trançava todas as prosas e alinhava horizontes, a que organizava mocós e gandaias e carroças e cozinhas com qualquer um, com pessoa de qualquer país, com ser de qualquer planeta, com movimento de qualquer estrela... aquela língua universal era a música.

Precisou ouvir a música na fala daquela senhora. Seu compasso. A harmonia entre a memória e o que ela fazia com as mãos e o que escorregava pela boca. A orquestra entre os pés que pisavam sua gloriosa rotina e as mentiras que martelavam carinhosas no céu da boca. As notas e os acordes deslizando entre os dentes e o mau hálito da fome. Seus agudos conversando com ex-vizinhos sumidos enquanto torcia e pregava as roupas no varal. Seus graves comemorando gol. O dó-ré-mi que derramava enquanto comia o dia. Falava sempre de boca cheia.

Com aquela senhora o último encontro do moço foi coaramento. Foi colheita de pétalas soltas... plantou caco e cresceu cuia. E foi de mão na mão que a íris véia falou: minha língua é a língua da água, Criança. Saliva é mãe da palavra, pariu a lágrima e é aprendiz do suor.

...

Depois daquela manhã, quando a senhora fingiu que morreu pra morrer sem tristeza e evaporar pensamento; depois daquela manhã que já era noite mas que tinha a clareza de um dia cedinho; depois daquela manhã que a orelha percebeu que era rainha que sabia se ajoelhar e pedir bença, o rapaz que nasceu estrangeiro compreendeu a Língua. Sem gancho de significado, com calor de sentido. E então talvez pudesse ensinar.

Ouviu a fala da chuva, seu silêncio, seu grito e sorriu com o repente e o versado jongueiro do temporal. Ouviu o gaguejado que corria pelos bueiros. A urgência e o prazer no

deságue do xixi. O fluido, dentro do peito, com os goles descendo levando as boas novas pelas costelas, num pequeno som íntimo, cachoeirinha de dentro. E cheiro de choro? O que ficava de partitura nas bochechas, na lábia... Reparou no alfabeto dentro do copo com água, cada letra ali nadando, umas de bóia, outras peladonas em piruetas e outras espelhos de espelhos. Leu o abecê nas poças sujas. Brillou na palavra nascendo vagarosa nas gotas de orvalho, nas pontas das folhas. Leu cada sílaba gemida e respirada fundo: ali o banzo das praias de rio, ali os pés molhados até as canelas em paz de quilombos, ali o namoro possesso das beiras de mar madrugueiro.

O rapaz mergulhou. Bebeu de golada. Cuspiu gostoso.

Veio safanão no pé d'ouvido por vadiagem. CEP suspeito. Eles tinham cheirado muita farinha impura. O moço da água foi assassinado por armas de fogo.

No camburão, Camboja até à desova, sua língua secou e endureceu. Ficou lasca de cimento.

A poesia de suas gírias natimorta.

...Há quem diga que hoje xinga, mina maldições, num mofo de estuque.

[PUBLICADO EM *REZA DE MÃE E OUTROS CONTOS*. SÃO PAULO: EDITORA NÓS, 2016, P. 97-99]